

A EDUCAÇÃO INFANTIL NA ESCOLA INDÍGENA NA COMUNIDADE DE UMARIAÇU II

Rosi Meri Bukowitz Jankauskas (1); Darcimar Souza Rodrigues (2); Luiz Felipe Barboza Lacerda(3) Sebastião Rocha de Sousa (4);

*Universidade do Estado do Amazonas – UEA, no Centro de Estudos Superiores de Tabatinga – CSTB.
bjankauskas@hotmail.com, darcimabc@hotmail.com, sebastian_sousa@yahoo.com.br, luizpsico@hotmail.com.*

RESUMO

O presente trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa realizada com as crianças Tikuna, educadores e pais da comunidade do Umariacú II, em Tabatinga – AM, objetivando investigar como se dá o processo de ensino e aprendizagem na educação infantil, na Escola Municipal AEGATU DECATUCU. Os objetivos específicos traçados neste estudo foram: Observar no cotidiano da escola as relações de convivência entre crianças-crianças e crianças-educador frente às atividades escolares diante da prática pedagógica do professor em sala de aula. Registrar por meio da observação e convivência como as crianças indígenas reagem ao aprendizado formal na sala de aula, mediante as atividades propostas pelos educadores. No que se refere ao comportamento, as crianças Tikuna, como todas as crianças, têm seu momento de diversão, e em relação à aprendizagem, os mesmos são muito atenciosos quando os educadores estão a explicar. A pesquisa revelou ainda que os pais não são tão colaboradores da educação dos filhos, pois, ainda possuem a ideia de que o ensinamento e a aprendizagem são heranças marcadas e enraizadas pelas gerações familiares. Por sua vez, para os educadores a escola é a instituição que tende a viabilizar muitas atividades para ter a presença dos pais no seu cotidiano, mesmo frente aos desafios que a educação indígena enfrenta nos currículos, nos recursos, na comunidade, sempre com uma tendência de aculturação da vida social a qual a cada dia é infiltrada por uma sociedade mais urbanizada. Através deste estudo buscou-se, portanto, debater analiticamente as relações indígenas e não indígenas no contexto educativo.

Palavras-Chave: Educação infantil. Escola Indígena. Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema a educação Infantil na escola indígena na comunidade de Umariacú II. A escolha do tema surgiu precisamente em meados de 2006, quando do interesse dos pesquisadores em conhecer a educação infantil indígena aliou-se, naquela época, com a recentemente implantação de escola indígena na comunidade de Umariacú. Esse interesse foi reforçado em 2010 através de reunião entre pesquisadores brasileiros e colombianos. As falas ressaltavam que o tempo de aprender da criança indígena era diferente do tempo da criança não indígena. Que os indígenas por tradição trazem o sentir, o ouvir como marcas muito fortes em

relação à natureza e aos demais seres. Que aprendem vendo, ouvindo e fazendo diferentemente dos não índios.

Como se observa na fala de uma professora Baikari: “são nossos alunos que nos olham, observam de tudo: se conquistamos o caminho das crianças, temos a confiança da comunidade, então quem faz a escola é o professor, crianças e comunidade, com quem a gente divide o nosso trabalho.” (RCNEI, 2002, p.22).

A partir daí passou-se a realizar reflexões acerca do trabalho como educadora de indígenas e não indígenas durante a formação de professores na Universidade do Estado do Amazonas, no sentido de indagar quais contribuições vem fazendo a este debate, visto que os educadores que atuam e que futuramente atuarão na área indígena, têm sua formação baseada em parâmetros não indígenas em escolas e universidades pensadas para não índios.

A busca da valorização do ser indígena passa também pela escola. Esse é um processo que se inicia já na educação infantil, mesmo porque o sentido dos ensinamentos escolares deve estar para fortalecer a identidade cultural e ao mesmo tempo (re)estabelecer o significado de pertencer à sociedade a qual faz parte; principalmente nas comunidades indígenas que estão próximas às cidades.

As escolas indígenas diferenciadas pautam suas ações e estratégias de transmissão, produção e reprodução de conhecimentos na proposta de possibilitar às coletividades indígenas a recuperação de suas memórias históricas, a reafirmação de suas identidades étnicas, a valorização de suas línguas, tradições e ciências, a defesa de seus territórios e outros direitos básicos, além de lhes dar acesso adequado às informações e aos conhecimentos técnicos e científicos da sociedade global, necessários à garantia e à melhoria da vida pós-contato. (LUCIANO,2006, p.156).

Já que as crianças indígenas recebem desde o nascimento, o ensinamento dos mais velhos no sentido da preparação para uma vida indígena futura, o que se aprende na escola pode estar sendo conflitante com a que lhes é culturalmente oferecido.

Essa preocupação está presente também no RCNEI(1998), RCNEIIndígena (2002), LDB 9394/96, Res.03/99/CNE, bem como em Tassinari (2001), Weigel (2000), D’Ambrósio (2005), Kramer (2003) e Montenegro (2006), que apontam a necessidade de estudos que mostrem as interferências de práticas pedagógicas pautadas em parâmetros não indígenas na escolarização de crianças indígenas de quatro a cinco anos (educação infantil).

Partindo deste pensar, o presente estudo é um recorte acadêmico que surgiu pela necessidade de compreender como se dá o processo de ensino e de aprendizagem na educação

escolar indígena por meio da mediação do trabalho docente na comunidade de Umariacú I no município de Tabatinga-AM.

Reforçando mais uma vez que o interesse em desenvolver este estudo embasa-se em aprofundar um conhecimento voltado à educação escolar indígena, modalidade esta, que apesar de estar diferenciada dos currículos básicos do ensino fundamental regular de acordo com os documentos supracitados, não se constata muitas diferenças na prática. É o que afirma Mangolin (1999 apud Cruz, 2009, p.22) em sua pesquisa:

A escola indígena foi - ou ainda é - gerida fora do contexto, imposta e estranha ao índio. Atualmente, sabemos que a escola indígena é um lugar de articulação, de informação, de tensões, de práticas pedagógicas e de reflexões destes povos sobre seu passado e futuro, servindo de orientação para o seu lugar no mundo globalizado.

É pertinente perceber que os espaços de aprendizagem na escola indígena não se limitam à sala de aula. Atividades como cantar, contar histórias, roçar, plantar, pescar, são ações que exigem sair da sala de aula e são carregadas de significado pedagógicos para todos que dela participam. Essa aprendizagem exige que o conhecimento seja refletido e pesquisado pelas crianças e educadores juntamente com outros membros da sua comunidade, ampliando inclusive concepções não indígenas de sala de aula como único espaço de produção da aprendizagem.

Assim, compete à escola indígena oferecer aos seus alunos o casamento entre o conhecimento tradicional e o conhecimento escolar, postos na balança da prática pedagógica em igualdade de importância.

O objetivo deste estudo, sendo assim é investigar como se dá o processo de ensino e de aprendizagem na educação infantil, na Escola Municipal AEGATU DECATUCU. Pretende-se através deste trabalho, contribuir para que novos estudos sejam realizados neste campo no sentido de compreender a diferença no ritmo de aprendizagem presentes no ser humano e com isso pensar metodologias diversificadas que contemplem e respeitem as diferenças, bem como diminuam a lacuna no aprendizado das crianças indígenas em relação aos não indígenas, em qualquer nível de escolarização.

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Indígena AEGATU DECATUCU, situada na comunidade de Umariacú II, se deu por três razões expressivas: primeiro por se tratar de uma escola onde toda comunidade escolar pertence a etnia Tikuna; segundo, por ter o maior número de crianças

indígenas frequentando a educação infantil, e terceiro por estar localizada próxima à zona urbana de Tabatinga, facilitando o acesso. Devido a essa proximidade apresenta-se então uma oportunidade inédita de realizar um trabalho científico com olhar voltado para as crianças indígenas Tikuna, ainda pouco estudadas nos aspectos referentes à aprendizagem.

Foram utilizados para a realização deste trabalho como procedimentos metodológicos: a pesquisa bibliográfica e de campo com enfoque de abordagem dialética e método indutivo, caracterizada como pesquisa descritiva/qualitativa.

Para coleta de dados descritivos foram registradas as observações que aconteceram por meio de contato direto com a turma do pré II (2º período), composta por vinte (20) crianças, sendo dez (10) meninos e dez (10) meninas, na faixa etária de cinco (5) anos, da educação infantil, turno vespertino da escola já citada.

Também foram realizadas entrevistas com três educadores titulares do turno vespertino da educação infantil, bem como, aplicação de questionário para pais/mães (num total de 19), caracterizando uma mostra finita. Os dados foram analisados a partir da técnica de análise de conteúdo que de acordo com Bardin (2006,p.7): “É um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos extremamente diversificados.”

Durante as observações foram feitas anotações descrevendo características físicas e materiais da sala de aula; características dos atores sociais (crianças e a educadora) para entender quem são essas pessoas e de que forma seu modo de viver está presente em sala de aula; atitudes e valores assumidos pela educadora, o que explicita o modo como esta profissional constrói e vive as várias relações na sala de aula; relações com as crianças em suas diferenças individuais; relações com conteúdos escolares; ações e reações das crianças na relação com a educadora; relações entre as crianças; relações com o conteúdo ensinado; como se procederam às situações de ensino e aprendizagem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao observarmos estas crianças pode-se identificar suas características, peculiaridades culturais e educativas, percebendo que existem particularidades nas atitudes, comportamentos, ações e reações destas crianças em relação com as não indígenas. A maneira como atuam e brincam às diferenciam das demais crianças das escolas urbanas, demonstrando características mistas de

crianças indígenas e não indígenas. Isso ocorra, talvez, pela metodologia que seus professores usam no ato de ensinar, que carregam a herança de uma escola urbana.

É na convivência com as diferenças que essas ações e reações das crianças na escola vão entrando em conflito e ao mesmo tempo começando a criar novos interesses e novas aprendizagens na forma de comportamentos, ações e reações. É uma ampla diversidade de valores e práticas que vão se agregando umas às outras criando-se distintas formas de relações e distintos significados.

Sendo a infância uma etapa percorrida para se aprender a viver em sociedade, as crianças aprendem brincando, imitando os mais velhos, participando da tradição oral, das atividades do dia-a-dia e dos rituais inerentes a cada cultura, aprendendo assim as regras do convívio social.

A tradição cultural dos antepassados é valor fundamental e base do fazer pedagógico; preserva-se a tradição da oralidade; valoriza-se o trabalho como meio educativo e como inserção na vida do grupo; valor fundamental da terra é afirmado constantemente; aprende-se a conhecer e respeitar a natureza. (CIMI,2002).

A tradição cultural indígena é perpassada por uma educação de base - a família, então se pode dizer que esta educação quando apropriada dos conhecimentos escolares, unifica os saberes já existentes aos novos conhecimentos.

A educação escolar indígena nas aldeias do município de Tabatinga está em funcionamento, mas retrata um modelo escolar urbano em busca de uma superação e caracterização própria, o que torna difícil acompanhar o próprio referencial curricular indígena, proposto pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC). Esta proposta do MEC é o resultado de uma definição de políticas sustentáveis como instrumento de mudança e diversidade, do valor pedagógico e das práticas de relações interculturais, porém, encontra pouca ressonância nas práticas pedagógicas concretas.

Basicamente, não há como construir uma educação indígena se os professores desta educação são formados através de perspectivas não indígenas e por vezes, inclusive, de desvalorização da cultura indígena.

Percebeu-se que durante o dia as crianças chegam aos poucos na escola, agregam-se uns aos outros e em pouco tempo estão aglomerados, com seus uniformes, mochilas e cadernos. Aos poucos vão comunicando-se entre eles na língua Tikuna. No horário previsto, as crianças entram em sala de aula, meninas sentam de um lado da sala, meninos de outro. As mesas e cadeiras estão voltadas para o quadro-verde. Aos poucos chegam mais crianças que, suavemente, integram-se ao trabalho. De repente, a sala está repleta, chega o educador e em sua língua dá as boas-vindas e inicia a aula.

As crianças são ágeis e inteligentes, criativas e imaginárias em suas atividades escolares; gostam de desenhar, pintar, correr, pular, saltar e andar em sala de aula. Na escola indígena as crianças circulam com liberdade pela sala e fora dela durante as atividades educativas. Para os Tikuna “a infância, [...] é um grande universo de aprendizagens, de liberdade, de escolhas e, sobretudo, de possibilidade de viver as mais diversas expressões do seu cotidiano” (MUBARAC SOBRINHO, 2009, p.8). Ou seja, as crianças têm acesso livre no seu território, elas têm liberdades que fogem as regras dos não índios. A criança indígena aprende vivendo, explorando o mundo através de seus sentidos, principalmente o ver e o ouvir.

Confirmado por Silva (2002), que o desenvolvimento dos sentidos é fundamental para a capacidade de ver, ouvir e fazer nas crianças indígenas, a capacidade de aprender, saber e conhecer está intimamente ligada às capacidades sensoriais.

Percebe-se que neste universo pedagógico específico tudo é diferente, o modo pelo qual as crianças se aglomeram, dialogam, a maneira como os educadores falam com seus estudantes, como reagem e como agem mediante tal situação.

No interior da escola, a organização espacial dos alunos também segue essa flexibilidade, sendo que a organização canônica de escola, das crianças uma atrás da outra, é uma referência, mas, na prática, o que mais ocorre é o agrupamento espontâneo em torno das cadeiras já colocadas em sala de aula.

A criança indígena precisa aprender a sua língua materna, identificar sua matriz étnica e deve ser respeitada, diante de sua cultura, sob qualquer ângulo. Ela se desenvolve de forma ampla, integral, aprenderá a viver e a conviver dentro de seu contexto sociocultural. Seu desenvolvimento dependerá, a princípio, de cuidados assistenciais como qualquer criança: cuidados com a saúde, educação, segurança e proteção. Esses eixos estão descritos no Referencial Curricular da Educação Infantil (1998).

Com o direito assegurado surge o momento do professor indígena ministrar aulas em sua língua materna e com processos próprios de aprendizagem, trazendo assim o novo formato na alfabetização materna, valorizando a identidade cultural e preservando a cultura indígena. A educação infantil no interior das comunidades indígenas ocorre espontaneamente e de maneira prazerosa, interativa, natural.

Como lembra Melià (1979, p.50):

O índio se educa pelo prazer de viver, não somente para sobreviver. A criança indígena vive a sua comunidade, interage intensamente com todos, adultos, adolescentes e outras crianças, e isso inclui festas, rituais, atividades produtivas, como a caça, a pesca, o roçado, acompanhando o adulto e se formando neste processo.

As crianças indígenas da comunidade do Umariacú II têm sonhos e imaginação como qualquer criança não indígena. A comunidade é o local de socialização e de encontros entre elas, seja na escola, na igreja, na roça, nas canoas e nas brincadeiras de terreiro. Nesse sentido, a comunidade é concebida como a vivência de muitas pessoas que têm objetivos em comum, visando melhorias para todos os habitantes da aldeia. Os índios Tikuna são responsáveis e comprometidos com sua realidade.

Ao se discutir sobre a aprendizagem das crianças indígenas na escola torna-se necessário mencionar a família, dentro da concepção do povo Tikuna. Todos os ensinamentos e formas de aprendizagem dos Tikuna perpassam pela família, pois é da responsabilidade desta, o ensino dos valores, do respeito, da partilha, do ser indígena e pertencer a este grupo. É através do exemplo dos mais velhos que são ensinados os conceitos de comportamento, partilha e cooperação. Para os Tikuna é na família que são construídos os laços afetivos, vínculos que irão auxiliar na formação de caráter das crianças.

Atualmente, mesmo a família menos numerosa, ainda é considerada o primeiro núcleo responsável pela formação cultural, afetiva, de respeito e pelos ensinamentos para o trabalho. É nela que a criança experimenta e aprende através do diálogo e da paciência. Viver em família os leva a fazer ou estar fazendo. Relações estas que têm demonstrado que o aprendizado não tem fim.

A criança aprende experimentando, vivendo o dia da aldeia e, acima de tudo acompanhando a vida dos mais velhos, imitando, criando, inventando, sendo que o ambiente familiar, composto pelo grupo de parentesco, oferece a liberdade e a autonomia necessárias para esse experimentar e criar infantil. (BRAND,2006, p.8)

É no seio da família Tikuna que a criança é encorajada a ter confiança em si mesma. É esse encorajamento que sustenta a identidade Tikuna. As famílias continuam estimulando a criança, mas nem sempre a acompanha diariamente à escola, como deveriam e faziam em épocas anteriores. Em outras épocas, alguns pais/mães Tikuna permaneciam na sala de aula com os filhos, sempre com olhar atento ao que era realizado. Hoje o tempo deles é dividido entre casa, trabalho na roça, pesca artesanal, confecção de artesanato, emprego na prefeitura, no posto de saúde, na escola e no atendimento aos filhos.

O comportamento dos filhos revela sobre a forma como os pais/mães agem mediante a criação destes. Seguindo a tradição, ainda hoje, apesar de dispor de um tempo mais reduzido, a família Tikuna usa o diálogo para aconselhar, ensinar e corrigir seus filhos.

Creem na educação escolar como instrumento extra aldeia que oferece domínio de novos conhecimentos e tecnologias que podem vir a auxiliar seus filhos a buscarem uma vida mais digna,

tornando-os aptos a enfrentar o preconceito presente na relação entre indígenas e não indígenas. Mas, ao mesmo tempo, não escondem sua preocupação com a influência da televisão, da internet nos comportamentos e atitudes das crianças, que, levam-nas a imitação e ao desejo de posse ao que veem, colocando-as em situação de ambiguidade cultural.

Na convivência e observação das crianças pode-se ressaltar a importância do educador enquanto mediador da aprendizagem. Os educadores são moradores, indígenas e cidadãos que fazem parte da sociedade Tikuna e, conhecem a necessidade que os cerca e os desafios para a educação dessas crianças. Na medida do possível em parceria com a comunidade buscam realizar uma prática pedagógica, centrada na realidade das crianças de forma a favorecer a aprendizagem dos alunos.

As crianças da etnia Tikuna são ativas, gostam de brincar, jogar, passear, assistir televisão e fazer travessuras. Na vida em comunidade utilizam os recursos que a natureza oferece para a prática do brincar. As brincadeiras vivenciadas na escola (rodas de conversa, jogos de petecas, adivinhações, contos, histórias de faz-de-conta, brincadeira em árvore 'pune') fazem referências ao cotidiano da comunidade,

“As brincadeiras infantis, especialmente, as de faz-de-conta são espaços de mediação e interlocução cultural importantes para as crianças pré-escolares, além de possibilitarem a criação e manutenção de vínculos afetivos.” (TEIXEIRA, 2008, p.374). Partindo deste pensar, cabe aos educadores que trabalham com a educação infantil proporcionar condições para que as crianças brinquem na escola. “[...] as brincadeiras infantis têm se mostrado de grande importância na transmissão cultural. Através dela a criança está experimentando o mundo e as reações, tendo assim elementos para desenvolver atividades sem a intervenção do adulto.” (NASCIMENTO, 2009, p.7.).

As crianças Tikuna buscam, na rotina do cotidiano, um brincar intrinsecamente ligado aos modelos de convivência. É comum ouvir crianças dizendo: “vamos brincar de roda”, mesmo estando cansadas após retornar com seus pais/mães do trabalho na roça. As crianças acompanham os pais/mães nas atividades diárias. O ato de observá-los lavrando e lidando com as plantações é educativo e faz com que elas aprendam no contexto da aldeia.

Estas vivências também compõem o currículo da escola, fundamentando e direcionando ações pedagógicas dos educadores indígenas. A prática do educador deverá ter como base a realidade Tikuna, e por meio dela criar situações de aprendizagens que proporcionem alternativas para a vida em comunidade.

Quanto as brincadeiras as crianças Tikunas além de vivenciar as mesmas situações que os adultos, elas também possuem outras formas de brincadeiras, apenas entre crianças nos arredores da aldeia, explorando os materiais da natureza, construindo casas, brincando nas cabaninhas, montando cata-ventos para correr e fazer rodar folhas presas em um pauzinho, brincando nas canoas aportadas na beira do rio, caçando com seus arcos e flechas pequenos gafanhotos e outros insetos. Essas atividades trazem um valor esquecido, de que não é necessário consumir brinquedos.

No entendimento dos pais/mães que participaram da pesquisa o papel do educador é ajudar seus filhos a aprender a ler e escrever, para ter oportunidades iguais aos “dos brancos”. Ou seja, para os pais/mães o educador é aquele que organiza e dialoga com os saberes tradicionais e os conhecimentos da sociedade envolvente; é altamente respeitado pela comunidade indígena. A figura do educador ainda é adjetivada como condutor, e o ensino não se limita a conduzir, em outras épocas históricas se conduzia a criança, hoje o educador e a escola orientam.

Na busca de condições de construir metodologias inovadoras para aplicar na sua prática docente, hoje os educadores que atuam na educação indígena no Umariçu II possuem graduações (Licenciatura Para Educadores Indígenas do Alto Solimões) e especializações (oferecidas pela Universidade do Estado do Amazonas). Mas existe um desafio pelo fato de terem recebido essa formação em instituições não indígenas e se veem obrigados a traduzir e articular processos escolares, que por mais que se esforcem acabam reproduzindo as práticas escolares a que foram submetidos, ou antagonizando os processos próprios de aprendizagem Tikuna.

De acordo com os pais, a escola obtém o conceito bom para excelente no que diz respeito ao ensino e ao papel assumido pela escola na comunidade, como podemos ver na fala de pais/mães que responderam ao questionário e que merecem uma reflexão:

A escola colabora com os nossos filhos para que eles saiam com estudo, sendo pessoas íntegras. (Pai A).

A escola, para mim, tem o papel de ensinar, preparar e educar os educandos para a vida, tornando-os bons profissionais e boas pessoas. (Pai C).

A escola é como se fosse uma segunda casa para nós, passamos parte do dia nela, até nos apegamos a ela. A escola nos ensina desde o início da nossa vida, crescemos nela e nos educamos dentro dela. (Pai B).

Querendo ou não, a escola tem um papel muito importante da educação. Hoje a educação não vem mais da família, mas sim da escola, pela falta de tempo que nós temos para com nossos filhos. (Pai D).

A escola significa um local de aprendizagem, de respeito, de estudo, de cantar, de aprender, onde só o educador pode ajudar os filhos quanto ao conhecer mais sobre a sociedade envolvente. (Pai E).

Percebeu-se que na visão de pais/mães, a escola é a responsável pela educação das crianças. Há um equívoco nesse modo de pensar. O fato de afirmarem que “só o educador é que

pode ajudar os filhos”, transfere, assim como na sociedade envolvente, uma parcela de responsabilidade direcionada à instituição escolar. Torna-se necessário sensibilizá-los em prol de uma melhor compreensão sobre a escola, levando-os a entender que é um espaço que colabora numa educação mais formal. É preciso que acompanhem os filhos no que diz respeito à educação escolar, como antes era hábito na escola Tikuna, sempre motivando para que continuem seus estudos.

A educação é um processo permanente e inerente ao viver. Em diferentes situações se dá o processo da educação. O dia-a-dia é educativo, os indivíduos vão criando e recriando formas de vida social. Diante disto, questiona-se que tipo de educação se quer ajudar a construir? Que homens e mulheres a escola pretende formar em um cenário da escola indígena?

As crianças indígenas Tikuna estão participando de uma educação mais aberta ao mundo, o contexto atual se difere da história de seus pais/mães quando vinham à escola. É impossível ensinar hoje sem que o educador esteja atualizado com o mundo, pois as crianças acompanham as novas ferramentas, e as trazem do cotidiano para a sua realidade. Os valores Tikuna continuam sendo trabalhados, mas a aldeia em si evolui e a tendência da educação é estar aberta às mudanças. A evolução midiática, as alternativas metodológicas do educador são práticas que precisam ser revistas e renovadas, são modelos de uma nova educação.

CONCLUSÃO

Para compreender mais sobre a educação indígena, formulou-se a pergunta, a saber: Como ocorre o processo de ensino e aprendizagem das crianças do Pré II, da escola indígena ÆGATU DECATUCU na comunidade Umariacú II? Esta é a questão macro da investigação e que mediatizou o resultado descrito neste trabalho.

Para tanto, observou-se que a aprendizagem ocorre de maneira mais livre do que nas demais escolas não indígenas. Além disto, ocorre de forma significativa, pelas vias da educação e da forma de como os educadores transmitem conhecimentos.

As crianças indígenas aprendem a sua maneira, pela transmissão da herança familiar, pelo convívio, pela sobrevivência, pelos valores e transmissão dos conhecimentos adquiridos da convivência com o outro, mesmo convivendo com outras culturas, com modos de vida diferentes. A aprendizagem transforma opiniões e incentiva a busca pelo conhecimento.

Na escola indígena há coerência entre o fazer pedagógico e a realidade indígena, mas não revela grandes diferenças curriculares em relação às escolas urbanas do referido município.

Espera-se com este trabalho, apontar uma reflexão para os colegas educadores que trabalham na educação para que tenham o conhecimento sobre uma escola de índio, levando-se em consideração as dificuldades dos educadores, as limitações pedagógicas, e que a escola possa se configurar em um espaço que favoreça a cultura de um povo. Mesmo que as ações pedagógicas sejam idênticas àquelas realizadas na escola dos Tikuna, já se encontram substituídas por um saber dos brancos, posto que as gerações de hoje encontram-se em outros contextos, recheados por novas tecnologias. A escola indígena por estar localizada nas proximidades de uma cidade já urbanizada, acaba influenciada pelo entorno sociocultural da qual se encontra inserida.

Uma questão a ser ressaltada é a pesquisa sobre os valores e as peculiaridades indígenas, apresentando uma ênfase na interculturalidade. Sugere-se que novas pesquisas sejam realizadas através de um registro etnográfico das relações sociais integradas à escola indígena, objetivando esclarecer como os Tikuna poderão compartilhar seus conhecimentos de cultura tradicional com essa nova geração de hoje. Recortes que não puderam ser aprofundados, mas que foram percebidos durante a trajetória e conclusão desta pesquisa.

Como continuidade a este trabalho seria interessante estudar a sociedade indígena, suas igualdades e desigualdades, o trabalho infantil como favorecimento à conduta da aprendizagem. Hoje a sociedade Tikuna encontra-se invadida, os costumes e tradições ficaram como detalhes em uma geração anterior. A quem atribuir a responsabilidade? Aos pais/mães, à urbanização, à aculturação, aos educadores, à escola? Fica então uma ressalva para que futuros pesquisadores possam estender o olhar em direção a essa problemática.

Então, voltando à criança indígena, que olhar dirigir a eles? Em que momento desvendar o valor desta para uma sociedade que visa interesses? Fica claro que este estudo não se reduz a esses limites, pretende ir além destas argumentações descritas. Os processos históricos da educação indígena ainda são colocados nas entrelinhas das políticas públicas, diante deste quadro, os sistemas de ensino evoluíram, modificaram culturas. É necessário ter o respeito a diferenças e adaptá-las de forma que possam fazer parte das discussões indigenistas no cenário brasileiro de educação.

Ao fim, conclui-se que crianças indígenas agem e reagem frente a este estilo de educação com espontaneidade, prazer e dinamismo, equilibrando conhecimentos formais e conhecimentos tradicionais e exploram de maneira mais profunda o ambiente, a escola, a comunidade, a cultura aguçando sentidos necessariamente típicos para o ritmo e a forma de aprender indígena.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4.ed. São Paulo: Edições 70, LDA, 2006.

BRAND, A.J.; NASCIMENTO, A.C. **A escola indígena e sustentabilidade – perspectivas e desafios**. Anais do III Seminário Internacional: educação intercultural movimentos sociais e sustentabilidade – perspectivas epistemológicas e propostas metodológicas. Florianópolis, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília: MEC/SEF, 2002.

_____. Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 93 9496. Brasília: MEC, 1996.

BRAND, A. J. **Os desafios da interculturalidade e a educação infantil**. In: Rumbo a la interculturalidad em educacion. México: Casa Abierta al tiempo, 2002.

CAPLACA, Valeria Marta. **O debate sobre educação indígena no Brasil**. 1ºed. São Paulo, 1995.

CONSELHO MISSIONÁRIO INDIGENISTA-CIMI - **Textos e pretextos sobre educação indígena**. *Revista da Articulação Nacional de Educação* – ANE, ano 2, n. 2, abril de 2002.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática: Elo entre as tradições e a modernidade**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

KRAMER, Sonia (Coord.). **Com a pré-escola nas mãos: uma alternativa curricular para a educação infantil**. 14. ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

MELIÀ, Bartomeu. **Educação indígena e alfabetização**. São Paulo: Loyola, 1979.

MONTENEGRO, Márcia Maria. **Professor caboclo**. Manaus: Bk Editora, 2006.

MUBARAC SOBRINHO, Roberto Sanches. In: **Artesãs de outros tempos...** As Crianças Indígenas nas Cidades e os novos desafios para as pesquisas sociais. Anais do XII Congresso da Associação Internacional para a Pesquisa Intercultural. Florianópolis-SC, Editora da UFSC, 2009.

NASCIMENTO, Adir Casaro. et al. In: **A cosmovisão das crianças indígenas Kaiowá e Guarani: o antes e depois da escolarização-** primeiras percepções. Anais do XII Congresso da associação internacional para a pesquisa intercultural. Florianópolis-SC, Editora UFSC, 2009.

SILVA, A L.; NUNES, A.; MACEDO, A. V. L. S. **Crianças indígenas: ensaios antropológicos**. São Paulo: Global, 2002.

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. **Escola indígena: novos horizontes teóricos, novas fronteiras de educação.** In: SILVA, Aracy Lopes da. FERREIRA, Mariana Kawall Leal. Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola. 2.ed. São Paulo: Global,2001.

TEIXEIRA S. R. S. & Alves, J. M. (2008). **O Contexto das Brincadeiras das Crianças Ribeirinhas da Ilha do Combu.** Psicologia: Reflexão e Crítica, 21(3), 374-382.

WEIGEL, Valéria Augusta de Medeiros. **Escolas de branco em malokas de índio.** Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2000.

